



## REVELAÇÃO

A. Silveira Netto

Desde que elle sentio vibrarem-lhe as fibras do Sentimento, emocionadas pelas vibrações dolorosas daquella musica que a tristurava, unvida de uma melancolia communicativa, quem sabe! uma revelação de artista, sentio efflorar-lhe n'alma a rubra flor do Soffrimento precoce.

E recordava ainda o busto em perfil, de Sylvanira, debruçada sobre a cythara; a sua mão excessivamente branca — mão de duqueza ou de madona — agitando nervosamente a palheta de metal brunido, cujo brilho tanto fascinara-o, suggestionando-o, como um phóco luminoso.

Nas suas pupillas negras, evocativas, elle buscara emoção para o seu sentimento de artista; buscara n'ellas vitalidade para o seu coração de amante.

E agora, a sós, na treva silenciosa do seu quarto, elle sentia o estertorar sinistro de sua alma, n'uma agonia de suicida, atroz! atroz!

Si cerrava as palpebras para não ver a propria treva, de cuja massa elle julgava destacar aquella mão branca, excessivamente pallida, mão de duqueza ou de madona, sentia penetrarem-lhe no cerebro, estorcendo-se pelos caracões dos ouvidos, como o lento desenrolar de uma serpente, as notas bemolisadas daquella melodia bisarra — umas soltas e picadas; outras ligadas, fazendo *nuances* de sons: claro escuro de paysagem ideal, invocação de artista. — Então, n'uma excitação nervosa, supplicante, elle clamava:

— «O tu, flor do Affecto, Lyrio do Valle, Santa da minha crensa, apieda-te de mim... ou foge. Leva-me a alma, embora... Para que quero eu a minha alma?... a mataste... cadaver de alma não aquece peitos, infeliciona-os; sepulte-a no abysmo de teus olhos... no abysmo de teus olhos... não; antes no tumulto de teu seio, junto a coração—rubra flor da Vida.

«O tu, flor do Affecto, Lyrio do Valle, Santa da minha crensa, apieda-te de mim...»

E o echo da sua voz, lastimosa e triste, reboava no silencio da treva, cavernosamente.

«A Harmonia sensibilisa o Sentimento; a Fôrma, eleva-o.

*A musica é o sentimento desfeito em notas, como a Via-Lactea se desfaz em astros... é talvez por isso que julgo ouvir eternamente esta bisarra melodia... emocionno-me e sinto.*

A Harmonia és tu, oh! minha Santa. A Fôrma, é o meo Ideal.»

E descerrando as palpebras, fitava a treva: é que elle via ainda o busto em perfil, de Sylvanira, debruçada sobre a cythara; a sua mão branca, excessivamente pallida — mão de duqueza ou de madona — agitando nervosamente a palheta de metal brunido.

Agosto de 900.

Eduardo Djalma

## FOLIETTIN

(1)

### IDYLIO ROXO

SAHRA conseguiu um dia feliz. As angustias que passava, com os stortes da tosse maldicta, serenaram um pouco, nesta clara manhã de equinoxio.

Terminando o jantar, ás cinco horas, a sua voz dolente de cythara nocturnisando, melodiou ao meu ouvido:

— Vamos namorar a tarde! Está linda!

Não lhe retorquii. De um salto apunhei o *casquette*, e prompto! Partamos Sahra!

— Ella desceu, como sempre, acompanhada pela velha, a erecta, a grave D. Maria, que nós, nas parências enfadonhas da serra, para affectar viligiatura nobre de *touristes* da *haute*, crismámos, á inglieza, cerrando o nome n'asperiza aere de *Mary*. Caracterisavamos, assim, o seu typo esquecêtilico de loura quinquagenaria, ainda em uso de bandós e rodilha de grampo, á nuca, e davamo-nos, pretenciosamente, ares galantes d'europeismo, n'agrestidade d'aquellas alturas verdes. De mais, para o forçado coquetismo de Sahra, era isto uma nota chic, porque essa pobre rapariga pallida, de olhos velludosos d'uvas negras, turgindo da volupia mórna de um morbido quebranto; a cabelleira encarcacolada, que lhe dava á cabeça uma cariciosa expressão infantil de creança romantica, possuia o elevado requinte da futilidade, n'uma irradiação moderna e hysterica de fôrmas. O resto de vida que se lhe esvasiava, noite a noite, nos esburgos da gósmia pulmonar, dir-se-lia concentrar-se nas preoccupações elegantes da sua pessoa, cuja plasticidade delgada d'escultura allegorica, movia-se com a colleante flexibilidade de serpente ferida.

Quando ella apparecia ao sol das dez horas, na sala do hotel, agitando rendas sobre rendas, n'uma feliz illusão de fazer-se menos magra, e mais polypptala que uma rosa branca, a encher o ambiente com trescalos fidalgos de *Crap-Apple*, não havia pupilla que não soentilasse, de desejos accessa, nem percepção que se enganasse com a saude artificial d'aquella creatura, esvelta e sóferte, que siflára nos accessos de tosse, durante o silencio pesado da vigília.

Foi, tambem, por um capricho d'exceptional, procurando se de todos os insignificantes detalhes do *imprevisto* e do *casual*, phosphorear o rastro da sua personalidade, que ella, um mez depois de nos conhecermos, na diaria da mesma locanda, carregou os olhos, apurando nervosa a cabeça, porque eu tivera a inaudita irreverencia de chamal-a — *Mademoiselle* — após um scherzo de Beethoven, dedilhado ao acaso no gasto teclado do piano fruxo, e a sua pequenina orelha transparente de lymphatica inclinára-se ao piguismo dubio da *flirtation*.

— Oh! exijo que me chame Sahra. Simplesmente Sahra.

Desde esse momento, mesmo diante da gravidade ossuda da respeitavel *Mary*, jamais meus labios hereticamente se sujaram com as ceremonias das formalidades do trato.

Sahra passou a ser a minha meiga e intima camaradagem, insexualizada com as visões, apenas lembrando um vago de mulher, pelo aroma de suas cambraias rendilhadas e pela insidia amolentadora de seus olhos.

— Para onde seguiremos, Sahra?

Perguntei.

Ella não respondeu. Tomou-me do braço, e descemos para os lados tranquillios do Sul.

Março extinguiu-se n'uma vividez serena de *quaresmas* florescentes, e ve-peraes crepusculos agoniados de violetas machucadas. A margem do caminho, na ramaria alta das velhas arvores, por onde as cigarras, ao môrmaço equatorial das sestas, safoneavam, em dós preludios de cicios longos, nevavam pulverisações suaves de amethystas trituradas, como si uma triste flor invisivel abandonasse, no desalento dos repudios, o pollen reseguido e inutil de sua esterilidade. E esse brando colorido de melancolias vivas derramava-se do céu pela extensão quieta dos valles, alastrando-se no circuito enorme de toda a paysagem, destendendo os planos, envolvendo a longitude n'um affago dormento de lagrimas mal enxutas, e lilazeando a faixa do horizonte, lá-baixo, n'uma tenuidade de zainph sagrado, aberto sobre a remotissima paragem dos promettimentos fugitivos.

Vamos descendo...

Sahra descansou mais sobre o meu braço a leveza de seu busto. Muda, pisando serena e certa, pupillas absortas, bramosas das suggestões sentimentaes deste vagaroso crepusculo d'Endoenças, suas pequenas narinas de nervosa resfolgavam n'um siflo d'effervescencias

# Inverno

## « Breviario »

Sumptuosamente surgiu no dia 21 do corrente, esta revista de arte, que tem como redactores os conhecidos litteratos Romario Martins e Alfredo Coelho.

«Breviario», confeccionado caprichosamente com toda simplicidade da Arte, parte esta tão sabiamente explorada pelas officinas da *Impressora Paranaense*, de prompto conquistou, por este motivo e pela bella collaboration que ostenta, a sympathia dos mais exigentes.

A mais esta Dama que vem reforçar orações na Cathedral suflina da Arte, toda nossa admiração.

A terra tem um tão sombrio  
Aspecto que parece morta.  
Cantando passa o vento frio,  
E o vento frio, ai! como corta!

A passeiar ninguem se atreve...  
— Quem não receia o inverno, quem? —  
Com tanto frio e tanta neve  
Ninguem a rua sae, ninguem.

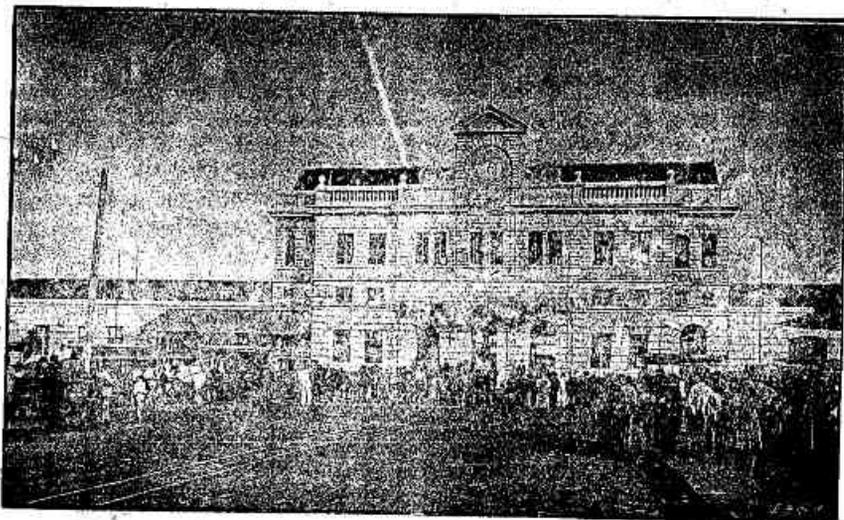
Vê-se da cor branca do gesso,  
O céu, sem sol... Um denso véo  
De neve, um véo bastante espesso,  
Envolve todo o vasto céu.

Inverno! Inverno! Pesadelo  
Atroz que opprime o coração...  
Inverno! Inverno! Frio e gelo!  
Ai! que cruel desolação!

Paira a tristeza em tudo, em tudo.  
Giro-girando pelo ar,  
Macabramente, passa o rudo  
E negro espectro do pezar.

Inverno! o vento em tom funereo  
Um requiem geme tão plangente...  
E triste como um cemiterio  
A terra jaz inteiramente.

JANSEN DE CAPISTRANO.



Estação da Estrada de Ferro do Paraná  
— CURITYBA. —

Imaginativos, ombevecida inteira nos romances das tristezas e miserismo das miragens que as tuberculosas bonitas architecturadas, para o gozo estherico de suas pobres almas doentes, a de desprenderem dos corpos cõr de cera odorontos e leves, como si fossem essas mesmas miragens que se fundem e se difuem nos algidos ensombramentos do Nirvana... o poema errante da sabida serenata das phisicas, rimado de soluços e adeuses, soava na sua cabecinha, pendida no abandono de ave em repouso, sobre o meu hombro. De repente ella aspirou forte.

— Sente? E' o aroma dos lyrios.

A estrada resvalava em curva, ao sopé da macéga baixa da chapada. Estavamos na base do pendor, proximidades da legendaria *Ponte dos Suspiros*, cujos barrotes repercutiam o rumoroso fresco do corrego, espadaneando nos pedregulhos soltos da socava.

Parámos. Ella declarou que sentia fadiga, e queria penetrar-se da solidão da paisagem, que amodorrava a tinta viuva da tarde tristissima.

Então, amparados pelo reborbo da ponte, inda braço sobre braço, permanecemos ali, sem uma palavra que rompesse o silencio de em torno, olhos postos na planicie violacea, estendida para além, rasa e ampla, té o aglomerio tufoso dos mattos, já roxando no fusco das trevas. E nesta quietação spasmodica de natureza adormecida, azas espalmas, plaspiceando ondulantes e esgueiradas, passava teimosa, persistente repassava, a Saudade longa das deserções eternas. Logo, pelos ramalhõs parasolafios, pelo emaranho das macéguas, no rastejamento das hervas, fremia o que quer que fosse, n'um offego de peito cansado, de que o aroma branco dos brancos lyrios, era o halito virgem, evoluando-se n'um beijo demorado e intenso de partida...

N'esse momento, Sahra falou-me baixo, queixosa e tímida:

— Sabe?... Levo um grande pezar da vida.

E, depois de uma pausa, atalhando-me a pergunta.

— E' o de nunca ter experimentado a sensação de um beijo de amor. Oh! nunca o labio de um homem tocou-me nas faces.

Quando a fixei, ella tinha inclinado a cabeça afflicta o olhar negro e velludoso boiando no alvejamento de Desejos angustiosos, e tão supplices os seus labios, tão pedinte a sua bocca, que eu tive o impulso de levar-lhe á alma o consolo desta caricia; mas os bizarrismos do seu espirito de enferma marcharam bem cedo os rebentos productivos do amor, para entumescerem-se, e agora, no desvasio concupiscente de

um gozo ephemero e favorecido. Ella, porem, comprehendendo-me, gemeu offegante:

— Beija. Sim?

Mudamente obedeci. Era a vontade de uma condemnada, e eu por mais que me repugnasse a satisfação deste lascivo desejo que á impudicia de uma allucinação trazia a bocca de uma creunça, não tinha energias para a cruel negativa á imploração suprema. Ao curvar-me para ella, em busca da sua testa, encontrei a febre de seus labios, soffregos, á espera dos meus. E unímo-os, docemente, demoradamente, numa junção noival, premindo as nossas mucosas na humedescencia dos meus anseios; eu — perdido na razão, animalizado pelo contacto offertante da immacula carne febril; ella — dominada pelo seu gozo, radiando nas faces, esfuziando no olhar, acceso o halito fremeante, que lhe punha no respiro compassado a delonga sugada dos prazeres primeiros...

Por fim, vencida, cerraram-se-lhe as palpebras exaustas; uma pallidez de luar morto alastrou-se por suas faces, marmorisando-se a linda cabeça de bambina lazzarone, e um accesso de tosse rouca sacudiu-lhe as cavernas rachiticas do busto.

A noite despregava-se lenta, lentissima, d'operculo remoto, franzindo a quietude roxa do espaço, e, no isolamento stagnado, o balido fanhoso de uma ovelha tardia cavou o silencio, sonorizando nas quebradas o echo reminiscente do Angelus.

Sahra, accommettida por outro accesso, levou rapidamente o lenço á bocca — mas inutil a presteza do gesto; de seus labios escapou-se de facto uma golphada de sangue, que estalou, surda, no chão, e ficou-se coagulhenta, estriada em lagrimas, sulpherina e refalgente, na roxidão do dia extinto.

Quando nos puzemos a caminho, ora lentamente, medindo o passo, a fugir do esforço, a natureza derisava-se nesta melancolia quaresmal de março, toda ella roxa, mas agora, de um roxo turvyo, tingindo de saudades tumulares a tristeza immensa da Terra.

Só, infiltrante e dulcoroso, o aroma virgem dos brancos lyrios via no ar, como si o oleo purificador de uma ambula se houvesse escurrido sobre nós, para a extrema unção do nosso noivado sem mácula, sorrindo n'agonia silenciosa da tarde, á illusão ineffavel de um gozo que nunca mais voltaria, nunca mais, nunca mais...

GONZAGA DUQUE.

# Rememoração

Um dia de dia

Quando a vida se desfilou,  
Quando a vida se desfilou,  
Quando a vida se desfilou,  
Quando a vida se desfilou,

Quando o teu perfil alado,  
Imortal, suave e indeciso,  
Foi encetar o seu destino,  
Dozinhos em mim encantado.

Também minha alma estremece  
E se alegra com a ardeur  
Para o Azul Inangível.

Dando alívio as minhas penas  
E a que não me condenas  
Por sermo negro impossível.

LEONINO

18

## O Pastor Solitário

*Chaque jour de la vie comme d'un mariage*

ILLUSIA FURGUE

Em um certo momento,  
Perfumes anépicos,  
Perfumes bússicos,  
E apêlhos venenos.

Quiz ver-me bem alto  
E bem admirado,  
Quiz ver-me bem alto,  
Fui crucificado.

Aqui, acola,  
Só cardos colhi,  
A vida era ma,  
Da vida fugi.

Cortei um caído  
N'um caminho era flor,  
E vim pra o montado,  
Onde sou pastor.

Vae o vento em papa  
Minha vida lisa,  
Alva como a estopa,  
Da minha camisa.

Erge-me as auroras  
Como o garzil,  
Pra seba as minhas,  
Meu religião e o sol.

Como o luar prata,  
Como mal divino,  
Nem uma açafata,  
Tem comer mais fino.

Deste meu recinto  
Jamais me separo,  
Se se alguém presinto,  
Que fujo e não para.

Durmo bem e pouco  
N'um leito de giestas,  
Minha frauta toco  
De manhã e as sextas.

E, no cahit da noite,  
Vejo em nortes bellas,  
Na bahia da noite  
Regatas d'estrellas.

Ningum tem do  
Este mundo,  
Vimmbago so,  
Vivo divertido.

Nesta solidão  
Seda a alma incauta,  
Tenho um amigo, o cão,  
E um novio, a frauta.

*Capitão de Castela*

De Portugal e de...

Quanta ilusão, meu Deus, quantos sonhos,  
Quando, bandas as velas do Babel,  
De marfim, mansamente, e quinas mares.

De sargaços e ondas, e de terra,  
Emquanto o coração se anilha,  
Sem consultar o Azul cantaria.

Ah! mas um dia, além da rã Pururo,  
Negra nuvem toldou o anil dos céus,  
A estrella da maruja o brilho puro.

Perdeo, e o piloto, entre rudes farras,  
Não conseguiu domar os esgarços,  
Sossobrando o Babel em mansas agoas.

Quando a gente se desfilou,  
Deixando a rã, a rã de ouropeis,  
Fito, com o coração, o Babel da desg.

E, curva a fronte, pensava, não,  
— Meu estaca, que se fosse assim es,  
Um dia que se vive de Babel...

J. G.

## Perplexos

Não se sabe se a esfero do mundo, rio das  
palavras e das coisas, quanto ha verdades, mais limpidas  
do que as que se encontram no livro da vida do exodo.

Perguntas como onde e como se tiradas, trevas, a  
terra e os astros, os astros principalmente, rutilos, res-  
plandecentes.

Queres a explicação do mysterio? Corre as paginas  
da Biblia, minha Biblia, e isto te dá o espelho.

Teus olhos... O chaos de certo que não era tão  
escuro. E' possivel que a escuridão te não diz, se  
viste hoje alguma coisa a ver as tuas pupillas? E' tan-  
to, a pata como se nullo e, quanta luz expander.

Teus olhares, teus olhares, que luz d'astros ha  
mais fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus olhos a luz,  
porque duvidas de ter Deus do Chaos tirado o Sol das  
madrugadas e as estrellas das noites?

Que maior treva queres, do que a dos teus olhos e  
que mais astros queres, do que as tuas luminosas  
pupillas?

CORLHO NETTO